

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões – para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou afins.

Neste volume, Bruno Ministro parte de uma reflexão sobre a função «salvar como», presente no *software*, para pensar modelos como a rede, a raiz e o rizoma, observando o imaginário da árvore na poesia de António Ramos Rosa e o processo de reescrita experimental em Rui Torres, numa «permanente tensão relacional entre repetição e variação», criação, incorporação, liberdade; Inês Cardoso lê *Raving*, de McKenzie Wark, a partir de uma evocação do «fim de um mundo», demonstrando a capacidade de resistência e reinvenção de si em actividades como a escrita, a participação na *rave*, a autoficção, a autoteoria, um «hackear da conceção patológica de dissociação», reequacionada a partir do seu potencial estético e «ressociativo»; e Ivana Schneider interroga a polissemia inerente à ideia de salvação em três narrativas de Guimarães Rosa («Famigerado», «A terceira margem do rio», «A benfazeja»), interrogando os conflitos entre o indivíduo e o seu contexto – familiar, social, natural –, e demonstrando que salvar alguém é também «salvar o mundo daquele que se sente ameaçado».

Pedro Eiras